

A ESCOLHA E SEUS DESTINOS Entre a lei simbólica e a lei superegoica

Regina Steffen

Como falar de uma escolha inconsciente?

Uma escolha de sintoma, como afirma Freud, indica a participação subjetiva no sofrimento que o sujeito experimenta através de seu sintoma.

A psicanálise deve levar o sujeito a se interrogar sobre qual parte lhe cabe naquilo de que ele se queixa, o que não deixa lugar para o sujeito vítima inocente de algo que o outro fez com ele.

Diante daquilo que a vida apresenta ao sujeito, o sintoma é uma das consequências possíveis para o destino que o ser falante dará à pulsão quando confrontado pela primeira vez com o significante primordial, ou seja, diante da vivência da castração pela qual o *infans* se torna sujeito.

Encontrar-se pela primeira vez com o significante primordial é experiência dada pela metáfora paterna, aquela que, ao final do período edípico, o pai oferece à criança quando ela está às voltas com o maior de todos os traumas: o Outro, até aqui encarnado pela mãe onipotente, se revela castrado, habitado pelo vazio que estrutura o desejo. Golpe que alcança a criança em sua busca de atingir a completude da qual a mãe parecia investida. Golpe duplo, pois não só esse Outro não existe, como também a criança se descobre na iminência de ser devorada pelo desejo dessa mãe, também ela incompleta. Eis o trauma: a vivência mais aterrorizadora da vida humana. Vivência que inscreve a dimensão da morte, a perda irremediável que passará a assombrar o ser humano.

A constatação da castração materna (constatação de que o Outro onipotente não existe) já vem se desenhando no ser humano desde seu nascimento, pois desde sempre sua demanda tem que passar pela linguagem. Por essa razão, desde a primeira mamada, a criança constata que ficou faltando algo. Isso se faz marcar por um traço (o princípio de uma inscrição psíquica), traço que Freud denominará “unário”. O traço unário é a marca do impacto primeiro da linguagem no corpo, constituindo-se em signo de um encontro faltoso entre o que foi demandado e o que foi recebido. Signo do vazio, portanto. Signo, e não significante ainda.

Desde a primeira vivência humana da satisfação de uma necessidade, inscreve-se no psiquismo humano a marca de uma experiência que não foi conforme o esperado, o que torna a primeira vivência do bebê com o seio uma vivência segunda, sendo já ela a tentativa de reencontro de uma outra, retroativamente situada como primeira e cuja completude absoluta deve ser reencontrada. Tal vivência mítica, plena, jamais alcançada, e por isso mesmo sempre repetida em seu fracasso, será chamada por Freud de “vivência de satisfação”. A cada repetição de qualquer demanda do *infans*, esse traço unário se repetirá anunciando que nas mais variadas tentativas, sempre a mesma falta de completude se renova. Lacan chamará isso de “mesmidade da diferença”, ou seja, diferentes situações pulsionais e sempre a mesmíssima falta inscrita como letra, um traço a contornar o vazio.

Durante toda sua primeira infância, a criança tentará se oferecer como o objeto de completude para inteirar a mãe, esse “Outro pré-histórico jamais esquecido”¹. Ela tenta inteirar a mãe para ver-se a si mesma também inteira e onipotente, para compor com a mãe um corpo único e completo e com isso, finalmente preencher esse vazio desconfortável.

É justamente esse projeto que cai por terra quando, o já desgastado jogo de toma lá dá cá com a mãe, pelo qual o bebê transitou do seio às fezes, da demanda à mãe para a demanda da mãe, dá lugar ao prazer da masturbação com a descoberta do órgão responsável por esse prazer. Nesse ponto, na chamada fase fálica da libido, a criança tentará seduzir a mãe para esse jogo, mas a mãe não mais responderá como antes. Inesperadamente para a criança sua mãe não lhe responde mais em espelho. Seu desespero é não saber mais o que ela quer (*che vuoi?*). É então que o pai começa a tomar forma psíquica para a criança: é a seu homem que a mãe destina agora sua demanda, seu desejo. É ele quem possui o objeto que ela deseja reencontrar. Se até então (durante o treino dos esfíncteres) ela pedia ao filho que lhe desse seu cocô, ficando muito satisfeita quando ele lhe fazia esse dom, agora não é mais à criança que ela pede satisfação; é ao pai da criança que ela se dirige. A criança está fora desse circuito, e sua demanda de prazer para a mãe fica sem resposta. O Outro fica mudo, não responde mais. A criança se descobre fora da cama do casal, tal como o homem dos lobos na cena primitiva que Freud elaborou na análise desse paciente. Essa é outra forma de descrever o trauma da castração: o Outro não responde mais, fica mudo, não tem mais palavras. O tesouro dos significantes mostra-se furado bem no ponto do saber sobre o sexo.

¹ Freud, S. Los Origenes del Psicoanálisis, carta 52, in *Obras Completas*, Biblioteca Nueva, Tomo III, Tercera Edición, Madrid, 1973, pág.3555.

A apreensão dessa nova arquitetura familiar deixa a criança aturdida. Havia um jogo estabelecido entre ela e sua mãe no qual a sedução e o objeto de satisfação transitavam entre esses dois polos indiscerníveis. À medida que a mãe vai retomando sua vida de interesses, o pai vai se desenhando como o rival da criança e o caminho da vivência de castração vai sendo pavimentado.

Atingido o ápice do período edípico com o trânsito da libido para os órgãos sexuais, verifica-se a castração do Outro materno. A **mãe**, castrada de seu filho objeto fálico, recupera seu lugar simbólico de **mulher**. O pai, até então um rival indesejável, assume o lugar do Outro (antes ocupado pela mãe), porém não sem deixar evidente que também ele é castrado, pois não passa de um representante da lei simbólica, exercida em Nome-do-Pai, nova versão do Outro onipotente que, embora não exista, ex-siste como elemento fundante e estruturante da ordem simbólica. O pai assume agora, junto de seu lugar de **homem**, a função simbólica do **pai**.

A estrutura familiar se reconfigura para os três personagens envolvidos: a dimensão dual antes vigente entre a mãe e sua criança, mediada pelo objeto fálico materno imaginariamente reencontrado, agora, com a entrada do pai em cena e a castração de todos os envolvidos reconfirmada, ganha mais complexidade simbólica. Cada um dos atores se divide: mãe/mulher, homem/pai e a criança, tornando-se um sujeito dividido, nasce como ser falante. Tudo isso em decorrência da queda do objeto fálico, ato que a psicanálise define como castração.

A queda do objeto fálico é dada pelo reconhecimento da castração como interdição, ou seja, a criança aceita que a **mãe** está interdita como mulher para seu desejo. Sua **mãe** é a **mulher** do pai. A mãe, por sua vez, também aceita perder o filho como o seu objeto fálico reencontrado, voltando agora seu desejo para o homem como aquele que o porta. A mãe estar interdita para o filho significa que o desejo dele não será mais dela, no duplo sentido de que o filho não a desejará e, tampouco ela o desejará. De fato, só agora se pode atribuir desejo ao filho, pois só agora ele está habitado por uma falta que se inscreve em seu corpo e que doravante norteará seu desejo sexual. O universo simbólico se sofisticava: não se trata mais de simplesmente ter ou não ter o pênis, mas de uma equação mais complexa entre os que portam o *fálus* como meros representantes porque não o são (os homens), e aqueles que o são, pois não o têm (as mulheres). A criança é agora simbolicamente (psiquicamente) um menino ou uma menina, sujeito dividido também ele entre ser filho em relação à mãe e ao pai, o que interdita seu desejo sexual no âmbito familiar, e ser um menino ou uma

menina no mundo social, onde um dia lhe será possível desejar sexualmente.

Ao assumir seu lugar simbólico, o pai oferece ao filho uma solução para o impasse no qual a criança se encontra diante do trauma da castração. Seu dom é puramente simbólico: ele lhe oferece uma metáfora, a metáfora paterna. Essa figura de linguagem opera trocando um significante por outro o que produz um efeito de sentido. Estamos aqui no nível humano da linguagem, nível que supõe um sujeito falante, um *parlêtre* como Lacan o define, o sujeito instituído pela letra (*par la lettre*).

Pela metáfora o que não tinha sentido, não tinha nome, se nomeia - senão plenamente, ao menos suficientemente. A pergunta sem resposta do filho para a mãe (*che vuoi?* que queres?), pergunta à qual a mãe não responde e que implica o gozo sexual, agora tem resposta. A metáfora que dá sentido a isso será dada ao filho pelo pai: o que ela quer é o *fálus*. A metáfora nomeia inconscientemente o objeto do desejo materno. *Fálus* é o nome, o significante que nomeia o que não existe, o que falta desde sempre, ele é o nome do nada.

A descoberta de que a linguagem pode nomear suficientemente, embora não de forma completa, aquilo que não tem nome, é o que basta para o ser humano se apropriar da fala, ato que vai muito além da simples reprodução das palavras como um papagaio ou um dispositivo eletrônico fazem.

É ao pai que cabe a função de nomear. A estrutura da metáfora que ele oferece ao filho é sua versão, sua solução para o drama da castração. Ao substituir um significante por outro, duas coisas acontecem: o significante que foi substituído por ser impossível de ser nomeado, desaparece e passa a ser suficientemente nomeado pelo significante metafórico. Dizer que um significante desapareceu não é absolutamente correto. Um significante, como Lacan define, é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Isso implica que só podemos falar de significante quando há relação de um ao outro, ou seja, quando um significante de índice dois aparece, ou melhor, quando o significante aparece, ele já é um significante de índice dois. O significante de índice um não existe, a não ser como uma inferência obrigatória dada pela existência daquele de índice dois. Mais um aspecto ligado ao significante é o fato de ele surgir do apagamento de um signo. O signo que se apaga diante do processo metafórico, é o traço unário, aquilo em cuja perda está a marca humana. Esse perdido para sempre - o signo que representava algo para alguém - é elevado pela metáfora paterna à dignidade do significante. Agora ele representa um sujeito para outro significante. O sujeito nasce ao mesmo tempo que o

inconsciente, ao mesmo tempo que o recalque primário que é outro modo de nomearmos o apagamento do signo pelo significante primordial. O sujeito humano não é a pessoa; ele é o próprio vazio deixado pelo apagamento de um signo, já ele inscrição primeva de um encontro fracassado, vazio que constitui o centro da estrutura do ser falante.

A criança, aceitando a impossibilidade de inteirar o corpo materno, aceita sua própria falta de inteireza e desse modo se torna, ela também, sujeito do desejo, intervalo vazio entre dois significantes que pelo truque da metáfora se articulam através da queda do objeto. São três dimensões implicadas nesse processo:

- 1- um significante que não tem nome (unário), que não existe senão que existe, vazio de ser, de substância, impossível de nomear, mas indispensável nessa tríade, resultado da queda do objeto fálico, cujo lugar se revela vazio (introdução do real como impossível de saber),
- 2- outro significante (binário), fruto da articulação metafórica que se faz às custas desse vazio e que dá sentido ao que não tem, oferecendo um saber possível, o saber inconsciente (é o simbólico com seu furo), e
- 3- a articulação imaginária e ficcional desses dois significantes, o que permite que a realidade adquira consistência podendo ser partilhada. A realidade, cuja dimensão ficcional é ignorada pelo sujeito, é construção da articulação significativa que constitui o saber inconsciente (a realidade é a dimensão imaginária implicada no ato de nomeação do sujeito pela metáfora paterna).

A mãe dá à luz ao filho, e o acolhe como seu objeto fálico reencontrado e não como uma cria animal. Já ao entrar no mundo, e mesmo enquanto é ainda apenas um projeto, a criança já está no mundo humano, mundo da linguagem. A mãe é a porta-palavras. É dela que vem a língua materna, aquela que primeiro aprendemos. Mas é uma língua que começa sem sentido algum para a criança que escuta as palavras sem o traquejo adequado para separar umas das outras. Essa língua cheia de equívocos, puro ritmo e cadência é o material primevo de onde um dia o sujeito nascerá falante. Lacan a denomina *alíngua*. Trata-se de uma língua íntima e incomunicável, sem sentido, constituída pela repetição do traço unário que vai abrindo os primeiros trilhamentos memoriais, ele próprio imemorial. Língua autista, anterior à constituição do si mesmo.

A criança chega ao mundo pelo corte do cordão umbilical. A mãe a recebe como seu objeto fálico reencontrado, o que o torna diferente de uma cria animal. Adotar a cria como filho é o primeiro passo da humanização. É o desejo materno que está no comando aqui e não o instinto da fêmea biológica.

O pai só vai passar a existir psiquicamente para a criança, muito tempo depois. Ele é puro nome, elemento simbólico na equação humana. Sua contribuição, no entanto, será enorme: o pai faz parir o ser falante, habilitando o sujeito a falar.

Com o pai, o corte cai num lugar mais fecundo do que o corte do cordão umbilical. Ao separar simbolicamente a mãe da criança, o pai separa o objeto *a* que cai por meio desse corte, revelando o vazio central impreenchível. Pela intervenção paterna a *alíngua* materna que a criança usa, se torna efetivamente **a língua** materna de toda uma população. Não se trata mais de língua íntima e pessoal. Agora ela tem sentido, é partilhável e serve à comunicação. Mas, a psicanálise está aí para lembrar que esse reino da razão e do sentido não é uno, pelo contrário, é dividido, barrado por uma hiância que impede a articulação plena, a relação entre o um e o outro.

Há um e não há Outro, ou seja, há o significante fálico, único significante que o homem e a mulher têm para inscrever simbolicamente o sexo. O fato de não haver outro significante faz com que não haja relação possível entre significantes, relação que fosse capaz de produzir saber sobre o sexo. É nisso que Lacan apoia a afirmação da “não relação sexual”. A sexualidade situa o limite do simbólico, expondo o real como impossível de saber. É assim que o sujeito falante nasce dividido, cindido por essa hiância que se oculta por trás de articulação significante promovida pela metáfora paterna.

O pai, como o terceiro na relação mãe/criança, promove a queda do objeto imaginário, revelando a falácia de um reencontro possível. Porém, ao oferecer a metáfora ao filho, oferece ao mesmo tempo, uma estrutura (a fantasia fundamental) que reata o sujeito, recém-nascido ser falante, ao objeto a ser reencontrado.

A fantasia fundamental, estruturada ao final do período edípico, é a versão do pai (*père version*) para um ponto cujo vazio de sentido demanda solução. Versão algo perversa, que aceita o inevitável da falta de saber sobre o sexo (um furo real no simbólico) às custas de uma solução que se compromete (a solução de compromisso) a reparar a **falta** como se de uma **falha** se tratasse. É um engodo tratar o objeto que falta desde sempre, como se ele estivesse apenas perdido, o que abre a via para tentar recuperá-lo, missão do desejo neurótico para o qual a verdade da falta está ignorada desde o momento no qual, por obra de uma metáfora, um significante desaparece, substituído por outro, quando na verdade esse significante que desaparece não é senão o apagamento do signo de um encontro sempre fracassado, signo de uma falta, portanto, de um vazio que se renova a cada nova tentativa de reencontro. S de índice 1 seria o suposto nome do traço

unário apagado. É essa verdade que está ignorada na forma do recalque primário, fundador do inconsciente e do sujeito do desejo, falta estrutural que revela o incômodo de um desejo sem sujeito. O sujeito do desejo é tanto o sujeito que deseja, como aquele que subjaz ao desejo como falta motora do desejar, mas essa segunda dimensão da expressão é sempre ignorada pelo sujeito neurótico. Depois de uma volta completa da demanda, o neurótico ignora ter contornado o vazio central que o constitui. Ele não se sabe implicado em seu périplo na vida. Ele não se conta como parte integrante de seu destino. Todo seu sofrimento é atribuído ao outro. Ignorante do recalque primário que o constituiu, o sujeito neurótico inconscientemente redobra a aposta no recalque, escolhendo desse modo um trajeto pulsional que gira em círculos, sempre repetindo o mesmo fracasso, o que nos casos mais extremos produz sintomas que, a depender de sua intensidade, chegam a inviabilizar a vida, os vínculos sociais, a capacidade de trabalhar e de amar.

Que outro caminho dar à pulsão que não esse de sempre recalcar sua verdade estrutural? Como prescindir do nome do pai sem deixar de contar com ele? Essas são questões que revelam a dimensão da escolha subjetiva inconsciente. É impossível reverter o recalque primário, mas não é obrigatório adotar a versão perversa da metáfora paterna. Ou seja, não é obrigatório redobrar a aposta do recalque. Freud aponta para outro destino possível da pulsão: a sublimação, mecanismo que opera sem o recalque (secundário), o que significa prescindir do nome do pai em sua versão perversa, aquela que convoca o retorno do recalçado na forma do recalque secundário.

Há então uma escolha possível quando a vida nos reapresenta o buraco da castração, e isso se dá inúmeras vezes, sempre que um significante de “alto valor psíquico” nos põe de frente com o real, exigindo uma leitura que o inscreva, o que demanda nova articulação significativa. Serão as diversas formações inconscientes que tentarão dar conta dessa missão, debelando a angústia que o encontro com o real suscita. Sonhos, atos falhos, chistes e sintomas constituem as formações de compromisso com as quais o sujeito enfrenta essa angústia. Todas elas soluções via recalque secundário, ainda que chiste e ato falho constituam escolhas diferentes quanto ao resultado subjetivo. A sublimação é outro desses caminhos que sem recorrer ao recalque dá um destino muito diferente à pulsão. Para tanto, percorre o caminho pulsional para além da alienação à demanda do Outro, até a separação, que promovendo a queda do objeto *a* de sua dimensão imaginária, eleva-o à dignidade da Coisa. As consequências para o sujeito de uma ou outra dessas vias de satisfação da pulsão são muito diversas. A escolha pelo recalque que se redobra no recalque secundário é sintomática,

ao passo que a escolha pela via na qual a satisfação pulsional coincide com o trajeto que inscreve um buraco, não produz sintoma, mas obra civilizatória. Nesse caso o recalque primário não é recalçado por uma formação de compromisso. Agora ele, o recalque primário, se mostra o próprio motor do desejo, um desejo sem sujeito, o Outro de mim mesmo, parte maldita do ser falante, pois impossível de ser bem-dita, buraco vazio central da estrutura. Quando o objeto fálico (objeto sexual) é sublimado ele evapora, deixando de ser um objeto que estaria na realidade, para surgir no além do princípio do prazer. Objeto de gozo, caído, matéria prima para o terror demoníaco, pois sendo Legião, não é ninguém, não tem nome. Transitar pelo além da fantasia fundamental supõem a coragem de enfrentar seus demônios, descobrir-se coletivo no individual e, em consequência, dar algo de si. Daí o produto da sublimação ser obra que serve à coletividade, à diferença da maioria das formações do inconsciente, cujo sentido nem o próprio sujeito que as vive chega a saber conscientemente.

Uma vez que há escolhas inconscientes, cabe perguntar a quem o sujeito obedece ao escolher um ou outro dos caminhos? Que lei o comanda?

Consideremos a dimensão simbólica da lei, cujo interdito anuncia o impossível. Ao aceitá-la, o sujeito contrai uma dívida simbólica frente ao dom que o pai, representante dessa lei cultural, lhe faz: a condição de ser falante. Diante de cada situação que renova a castração e com isso expõe o real do furo no simbólico, o sujeito honrará essa dívida, oferecendo algo de si, ou recuará aterrorizado para o doloroso refúgio do objeto materno? É uma escolha que exige coragem e não depende da vontade consciente, o que a torna ainda mais difícil e imponderável.

Estamos o tempo todo diante do implacável de uma escolha: a bolsa ou a vida? Uma perda sempre ocorrerá: se escolho a vida, perco a bolsa, ou seja, entrego algo meu para que a vida siga. Esse é o caso do sujeito que toma o caminho de honrar a dívida simbólica, pagando com algo de si o dom da fala recibo do pai. Nesse caso ele está sob a égide da lei simbólica, que interdita a mãe e desse modo ordena o desejo humano.

No entanto, se escolho a bolsa, retenho o que parece ser meu bem supremo, mas perco a vida e me torno uma marionete, um zumbi. Aqui o caminho pulsional escolhido é aquele do recalque secundário, sendo a lei superegoica que agora toma a frente. O superego é herdeiro do Édipo. Através dele as leis morais são incorporadas pelo sujeito, mas é aqui que a lei pode dar lugar a uma injunção, uma imposição, com o superego assumindo a voz grossa do tirano, forma na qual a lei ordena (ela dá ordem em vez de pôr em ordem): goze! Tal tirania superegoica ecoa a voz materna

dos primeiros tempos: você é meu objeto. Aterrorizado, o sujeito escolhe recuar e obedece. Ele já não passa de um apêndice materno, escolhendo não falar em nome próprio, e sim confirmá-la como senhora de si, sua marionetista.

Será sobre essas duas escolhas que nos debruçaremos neste ano de 2024, considerando as operações complexas que as estruturam e as consequências para a vida do sujeito conforme o destino que ele, inconscientemente, dá à pulsão.

Longe de estas questões serem meramente teóricas, é a própria escuta clínica que se orienta uma vez estabelecidas as balizas que demarcam o lugar do analista no campo da prática. Para operar de modo fecundo, o analista deve estar situado no lugar do objeto causa do desejo, devendo ser um simulacro desse objeto puro vazio. Não é como sujeito (do desejo) que o analista se situa na análise. Ele é um sujeito-suposto-saber pronto a ser deposto, revelando no ato de des-ser, a potência do vazio como motor do desejo, um desejo sem sujeito.

Nosso trajeto pelas veredas da “Escolha e seus Destinos” terá por bússola o texto de Allain Didier-Weill: *Os Três Tempos da Lei* (Zahar Ed.), e por farol, uma citação de Lispector a nos iluminar:

*“A realidade é a matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não do achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível”.*²

[Volte para as atividades](#)

² Lispector, C. *A Paixão Segundo GH*, citado por Carolina Manente num dos encontros do Seminário “A Sublimação – da sexualidade ao erotismo” realizado na Associação Campinense de Psicanálise durante o ano de 2023.